

**TECENDO HISTÓRIAS COM OS AROMAS DA VIDA:
enredos, tramas e dramas da epidemia de malária no Baixo Jaguaribe (1937-1942)**

Gláubia Cristiane Arruda Silva *

Resumo

Entre os anos de 1937 e 1942, a região do Baixo Jaguaribe, uma das zonas agrícolas mais ricas do Ceará, foi atingida por uma epidemia de malária, considerada por muitos especialistas como a maior já vivenciada no Brasil, haja vista o legado de problemas deixados pela referida epidemia. Objetivamos, a partir desse texto, compreender, através do diálogo estabelecido com as diversas fontes históricas, como a população local experienciou, em nível de suas vivências cotidianas, o sofrimento imposto pela recrudescência do surto epidêmico; As inúmeras histórias do “tempo da malária” levam-nos a inferir o quanto, profundamente, a epidemia marcou as trilhas das memórias daqueles que a viveram. Nessas diversas trilhas, se acham armadas uma rede de significados construídos em torno da epidemia, na qual repousam vivências, sentimentos, racionalidades, hábitos e valores que marcaram uma sociedade e uma época.

Palavras Chaves: Epidemia de malária, *Anopheles gambiae*, Sentimentos.

Abstract

Between the years 1937 and 1942, the region of Lower Jaguaribe, one of the richest agricultural areas of Ceará, was hit by an epidemic of malaria, considered by many experts as the largest ever experienced in Brazil, given the legacy of problems left by the epidemic. Aim, from the text, understand, through the dialogue established with the various historical sources, such as local experience in their level of everyday experiences, the suffering imposed by the recrudescence of the epidemic outbreak; The many stories of the time of malaria " lead us to infer how much, deeply, the epidemic was the tracks of the memories of those who lived. These different tracks, they are armed built a network of meanings surrounding the epidemic, in which based experiences, feelings, rationales, habits and values that marked a society and era.

Keywords: Epidemic of malaria, *Anopheles gambiae*, Feelings.

Os historiadores, cada vez mais, têm voltado seus estudos para as várias sensibilidades e sentimentos que permeiam o ser humano e o acontecimento histórico. (Cf: MONTENEGRO, Et. Al., 2008; PESAVENTO, LANGUAGE, 2007)

Escrever História é como fazer girar a vida com seu montante de mistérios. É perder-se na profusão dos momentos de tantas noites e tantos dias. É narrar os tempos, as tramas e os dramas vivenciados pelos sujeitos. Às vezes, sem “nomes”, sem rostos, mas, com seus rastros. Marcados pela sabedoria do viver e do sentir. Alternando suas moradas e seus tempos. Sedento, no entanto, por viver e contar a vida. Esta, por sua vez, não possui um traçado único, é múltipla. Cambiante.

* Doutoranda em História pela Universidade Federal de Pernambuco. Bolsista da FACEPE. Orientanda do Prof.Dr. Antonio Torres Montenegro. glaubiacristiane@yahoo.com.br

Objetivamos, a partir desse texto, estabelecer níveis de compreensão acerca dos vários significados e vivências experienciadas pela população do Baixo Jaguaribe, durante a epidemia de malária ao longo dos anos de 1937 a 1942.

O estudo sobre as histórias vivenciadas durante essa epidemia de malária, no Ceará, reúne traços que vão além do aspecto material ou biológico da doença. Nosso foco de análise se volta principalmente para seu caráter sócio-cultural, ou seja, como os habitantes do Baixo Jaguaribe a significam e criam representações em torno desse fenômeno.

Ítalo Troca nos chama atenção para o fato de que, a relação entre o corpo, sob a ameaça da morte, as linguagens que a instituem e as memórias em torno da moléstia acabam por criar uma *nova doença*.

Da perspectiva de uma História Cultural, a doença, sobretudo as grandes doenças, e sua memória, revestem-se de um caráter “delirante”, no sentido de que as linguagens que as instituem e representam deslocam-se do seu referencial material e criam uma outra doença, um espécie de ser simbiótico que reúne traços do fenômeno biológico juntamente com os da cultura. (TRONCA, 2002: 119)

Um acontecimento de natureza mórbida abala não apenas as referências culturais, os valores e os princípios norteadores da vida, mas, sobretudo, as referências coletivas, de modo a incidir, diretamente, no comportamento de uma determinada sociedade. Partimos, então, do pressuposto de que todo o processo de interação/tensão vivenciados pela população do Baixo Jaguaribe produziu novas sensibilidades, pois, ao mesmo tempo em que a epidemia de malária desorganizava o seu cotidiano, imprimia, também, a necessidade de novos hábitos, motivados, sobretudo, pelo convívio com a doença e pelo medo da morte.

Encantos e desapontamentos, sonhos e realidade, fartura e miséria, alegrias e sofrimentos estão no ir e vir constantes, assim como os elementos que compõem os espaços públicos e privados, individuais e coletivos. Igualmente, a ordem e a desordem se entrelaçam e, através de seus fios, costuram os traçados das memórias e dos esquecimentos, das falas e dos silêncios, das narrativas de vida e de morte construídas em torno da peste paludica.

A história e as narrativas de vida, nesse caso, são como duas almas atraídas pela vontade de significar o mundo. Sem, no entanto, algemá-lo com verdades absolutas, libertando sua vontade de voar, pois, a “História é uma reinvenção sem ponto final”. (REZENDE, 2006: 101)

Maldições do Mosquito

Durante os anos finais da década de 1930, os municípios de Limoeiro, Russas, Morada Nova, União e Aracati, considerados as cinco pérolas do Estado do Ceará, formavam a região do Baixo Jaguaribe. As paisagens sertanejas banhadas pelos invernos regulares deixavam transparecer que o fim daquela década seria marcado por anos de prosperidade, traduzindo cenários característicos de um sertão da fartura e da abundância. Todavia, esse mesmo espaço de uma prosperidade esperada e anunciada pela regularidade das estações invernosas transformou-se num “teatro de sofrimentos”, repetindo ecos de tristezas comoventes. (GIRÃO, 1938:1)

As cores alegres e os ares de abonaça traduzidos nos roçados, nos algodoeiros, nos pastos verdes, nas carnaubeiras esguias, foram, aos poucos, ganhando outras tonalidades, sons e enredos. O som do campanário não convidava apenas para a comunhão da missa com os vivos, alertava para o perigo da morte. Anunciava: mais uma pessoa mudara de endereço; Sem resistir aos acessos da febre intermitente, a partir daquele momento, seu corpo residiria no *campo santo*.

A linha do tempo, durante os anos de 1937 a 1942, carregava o anzol da incerteza de um futuro. A marcha célere de um mosquito insano levava consigo a morte e o sofrimento a essa população sitiada pela dor. *Anopheles gambiae*¹ era seu nome. Seu beijo mortífero não perdoava ninguém; adultos, infantes, velhos, médicos, padres...

A doença, para muitas pessoas, sugestionava uma maldição. Famílias inteiras desapareciam, membro a membro, sucumbidas diante dos tremores da malária. Prestaram contingência diante de Sua Majestade: a morte. Leônidas Deane², em entrevista para pesquisadores da Casa de Oswaldo Cruz, descreve o estado de calamidade reinante em todo o Baixo Jaguaribe. Após visitar o Estado do Ceará, em 1939, investigando a incidência da malária, Deane, reconstroi a imagem forte que se fixou em sua memória: “pareciam comunidades religiosas em que todo mundo andava de luto. Era uma coisa impressionante quando se descia naquelas cidades, a população toda de preto por causa da epidemia.”

¹ O mosquito transmissor da malária, responsável pela epidemia no Baixo Jaguaribe, chegou à região Nordeste do Brasil no início da década de 1930, por meio dos navios franceses que estavam no Estado do Rio Grande do Norte e estabeleciam um comércio marítimo envolvendo a Europa, Brasil e Dacar, na África. Nesse período, registrou-se, pela primeira vez, a presença do vetor *Anopheles gambiae* no Ocidente. A presença do *gambiae* em solo brasileiro representava uma ameaça não só ao Brasil, mas ao continente americano como um todo, pois se tratava de um dos mais eficientes vetores da malária no mundo. Cf: SILVA, Gláucia C. Arruda. **O tremor dos Sertões: experiências da epidemia de malária no Baixo Jaguaribe-CE (1937-1940)** Dissertação de mestrado em História Social. Universidade Federal do Ceará, 2007.

² Deane era um dos chefes do destacamento científico do SMNE, trabalhando no laboratório central do Serviço localizado na cidade de Aracati. Sua função o levou a viajar por vários municípios atingidos pela epidemia.

Para a grande maioria dos depoentes entrevistados, o sofrimento vivenciado durante os tremores da malária era uma experiência tão angustiante e ao mesmo tempo tão dolente, que os mesmos só conseguiam descrevê-los comparando diretamente a sensação e ao sentimento da morte. Era como se a doença pudesse se antecipar e assentasse a impressão da morte no vivo. Jacques Revel e Jean Pierre Peter nos chamam a atenção para o fato de que a doença é logo associada a uma experiência do limite, um limite que se caracteriza não apenas na identidade, já que o enfermo questiona suas ações na tentativa de buscar uma justificativa para tamanha provação, mas deixa transparecer também o limite da linguagem que “não revela outra coisa senão a impossibilidade de dizer”. (REVEL, PETER, 1995: 144)

O Sr. José Dantas Pinheiro tentava, durante sua entrevista, nos descrever a impressão que sentia quando o frio na espinha anunciava a chegada de mais um acesso de tremedeira. Para o “Seu” Dantas, a sensação experimentada, logo após uma crise da doença, está diretamente associada à impressão da chegada do limite de suas forças físicas, do esgotamento biológico. A malária deferia contra seu corpo a percepção da morte, seu organismo parecia ter sucumbido diante dos tremores da febre intermitente, embora tivesse a consciência de que ainda estava vivo.

Ah, minha Santa! Eu ainda tremi seis vezes. Olhe, você sacode todim, em tempo dos ossos sair das juntas. Um tremor tão forte de um jeito que deixa a gente, quando termina, assim, de estado de coma. Morto de olhos fechados (...) um frio tremendo! Dá isso.³

Para o Sr. José Gomes Nogueira, residente na cidade de Jaguaribe, a imagem da doença está relacionada a uma maldição que lançaram por sobre a população do Vale jaguaribano, uma vez que testemunhou famílias inteiras fenecerem, sucumbidas diante dos sintomas da febre intermitente.

Tinha um casa de um conhecido meu que morava na faixa de 12 pessoas doente. Aí, não cuidaram. Morreu tudim em menos de 3 dias. Rapaz num é bom nem falar, num sabe? Pra você ter uma idéia, num ficou um herdeiro pra contar a história, num ficou um herdeiro pra receber a herança. Num ficou foi nada, só fechamo lá as porta e pronto. Num ficou pra ninguém. Aquilo era uma doença amaldiçoada. Ave Maria!⁴

³ José Dantas Pinheiro, 83 anos, entrevista gravada em 27/05/2002 na cidade de Limoeiro do Norte.

⁴ José Gomes Nogueira, 79 anos, entrevista gravada por Francisco Hucinário Diógenes Patrício na cidade de Jaguaribe em 15/07/2005.

A presença da epidemia de malária nos lares da população do Baixo Jaguaribe me foi justificada, em alguns depoimentos, como sendo resultado de um castigo vindo dos céus, pois, o mesmo Deus que concedia graças milagrosas, através da doença, também castigava seus fiéis pelos pecados cometidos e, ao mesmo tempo, avaliava sua fé.

A Sr^a. Maria Menezes de Aquino, moradora da comunidade de Mapuá no município de Jaguaribe, ressalta que, nos anos de incidência da malária quase perdeu sua fé. Em sua narrativa, enfatiza, ainda, o elevado número de terços que os membros daquele povoado realizavam em homenagem ao santo padroeiro da capela, Santo Antônio. Todos os dias, relembra D. Maria de Aquino, as pessoas da comunidade se reuniam na capela local para rezar, pedindo a recuperação das pessoas enfermas e pela alma das pessoas falecidas. Quando todas as ações humanas para erradicar a doença de suas vidas já estavam se exaurindo, restava-lhes a esperança na fé da intercessão do santo padroeiro junto à misericórdia divina.

A gente passava por umas situações que só Deus podia dizer o porquê daquelas aprovações. Num sei não, era tanta desgraça que tinha hora que a gente só faltava perder a fé em Deus. Era assim; a gente, como aqui sempre foi uma comunidade pequena onde todo mundo se conhece, todo dia, a gente se reunia para rezar pelas pessoas que tavam doentes, num sabe? Já que, nós tinha dado remédio e tudo que tava ao nosso alcance e, mesmo assim, as pessoas não ficavam boas. (...) Foi um desespero medonho! Eu andei bem pertim de perder minha fé porque num é brincadeira não, a gente passou mais de dois anos nessa peleja. Todo dia era assim: de dia, dava remédio pros doente e, à noite, quando chegava da igreja, rezava mais ainda para os que tavam doente amanhecerem o dia vivo.⁵

Sertões da fartura e da morosidade

Através das falas das pessoas mais velhas que vivenciaram a doença, podemos perceber que, suas lembranças apontam para uma miscelânea de dois tipos principais de imagens criadas a partir de suas experiências no convívio com a malária: a fartura no campo e a impossibilidade de usufruírem tamanha sorte.

Algumas pessoas, mesmo doentes, tentavam trabalhar e colher o sustento de suas famílias. Muitos, no entanto, não conseguiam obter êxito em suas jornadas. Dona Maria Delfina de França recorda que a malária se intensificou principalmente nos meses de inverno. De acordo com sua fala, a doença aconteceu *no inverno*. “O feijão se perdia na roça. Teve gente que morreu enriba da ruma de feijão.”⁶

⁵ Maria Menezes de Aquino. 82 anos, entrevista gravada por Francisco Hucinário Diógenes Patrício no distrito de Mapuá, localizado no município de Jaguaribe, em 16/07/2005.

⁶ Maria Delfina de França entrevista gravada em 31/11/2002 na comunidade de Canto Grande, Limoeiro do Norte.

A narrativa da Sr^a Maria Delfina nos remete a um tipo de imagem contrária a muitos discursos oficiais que fazem do sertão um lugar da fome e de outras catástrofes, cuja principal responsável por essas calamidades sociais é a presença da seca. (Cf: NEVES, 2000) D. Delfina nos convida, no entanto, a imaginar outros tipos de experiências: um sertão com chuva, inverno, fartura no campo, mas também lembrado pela dor e pela morte ocasionadas pela invasão da peste da malária em suas vidas.

As vivências, durante a epidemia, foram lembradas e narradas de formas múltiplas; não obstante, tenhamos nos deparado com discursos que apontavam para um cotidiano marcado pela morosidade, pela dificuldade de se trabalhar nos campos cultivados - devido ao fato da doença ter atingido quase todos os membros da família, os impossibilitando de executar suas lidas diárias –, esse espaço foi recordado, também, pela sua dinâmica e pela intensa movimentação: como é o caso dos membros do Serviço de Malária do Nordeste (SMNE)⁷ - que estavam em muitos lugares travando uma luta contra a fúria do mosquito.

Para o Sr. Manoel Carlos da Silva, um dos entrevistados que trabalhou como guarda no Serviço de Malária no município de Jaguaribe, as lembranças das cenas tristes, que seu trabalho o obrigava a testemunhar durante a lida diária, mesclavam-se com as recordações das amizades construídas, dos lugares até então desconhecidos, etc. Com o dinheiro arrecadado durante o tempo que trabalhava no SMNE, o Sr. Manoel conseguiu comprar uma casa. Aliás, segundo ele, foi graças a esse tempo de trabalho que conseguiu proporcionar à sua família uma condição de vida melhor.

*O período em que trabalhei no Serviço de Malária, ganhei muita coisa. Tudo que tenho hoje, posso até lhe dizer, que consegui através do que ganhei naquele tempo. Posso dizer que, apesar daquela doença triste, foi muito bom pra mim.*⁸

Ainda segundo o Sr. Manoel Carlos da Silva, além dos honorários pagos pelo SMNE, freqüentemente recebia “gratificações” de algumas pessoas que agradecidas ou desejosas de receberem uma atenção especial dos guardas da malária retribuía os préstimos doando, entre outras coisas, galinhas, feijão, queijo, leite, etc. As famílias mais abastadas chegavam a presenteá-los com carneiros, bezerros, além dos que ofereciam dinheiro. Embora conscientes de que poderiam perder o emprego, na conjuntura de crise vivenciada por todos, os guardas da malária recebiam as chamadas “gratificações”.

Além do meu salário que ganhava, que, aliás, era muito bom, ganhava, dos moradores que fazia amizade de um tudo: era carneiro, bezerro, galinha e sempre davam uma gratificação em dinheiro por fora também. Com o dinheiro que juntei, pra você ter uma idéia, me casei, construí minha casa e ainda sobrou uma coisinha pra mim.

⁷ O governo de Getúlio Vargas, em parceria com a Fundação Rockfeller, de origem norte-americana, em face as pressões e calamidades criou, em 11 de janeiro de 1939, através do decreto-lei nº 1042, o Serviço de Malária do Nordeste (SMNE). Destinado exclusivamente a conter o avanço do mosquito *Anopheles gambiae*.

⁸ Manoel Carlos da Silva, 85 anos, entrevista gravada na cidade de Jaguaribe em 15/07/2005.

O SMNE, em meados de 1939, contava com cerca de 4.000 pessoas trabalhando em toda a região. Constituindo-se numa oportunidade de emprego para aqueles que se dispunham a ser guardas da malária, superando, assim, a crise financeira gerada pelo déficit de braços na lavoura agrícola, principal fonte da economia da região. Para população local, assumir um posto de trabalho no SMNE representava, para além da ascensão profissional dentro do serviço de combate à epidemia, uma forma de obter uma maior visibilidade dentro da sociedade em que vivia. Tomemos como exemplo o guarda da malária, que desfrutava de um reconhecimento social simbolizado na própria farda, com a qual se apresentavam em serviço, bem como no discurso de autoridade sanitária que faziam uso.

A fuga e a solidariedade em tempos de peste

A incidência da malária ou de qualquer outro surto epidêmico desperta múltiplos sentimentos nas pessoas que vivenciam essas calamidades; vai desde o desejo de fuga ou do isolamento, na busca exacerbada pela própria sobrevivência e/ou de seus familiares, até a decisão de permanecer em seus locais de origem e ajudar o seu semelhante a enfrentar a doença.

Alguns sertanejos do Baixo Jaguaribe custaram a acreditar na versão de que a malária era transmitida por um mosquito e não “pegava” de pessoa para pessoa através do contato físico ou pelo ar, como a maioria das moléstias com as quais estavam acostumados a lidar no dia-a-dia e que tinham sintomas parecidos: febre alta, cansaço, dores no corpo... às vezes, chegavam, inicialmente, a comparar com as mazelas trazidas pelas gripes ou outros tipos de inflamações.

O Sr. Francisco Otacílio Ferreira da Silva recorda que o medo de também ser contaminado pela doença fez com que a prática de fazer uma visita ao enfermo, dirigindo-se até sua residência para prestar condolências, foi praticamente abolida nos anos de incidência da malária. Não apenas pelo fato das pessoas estarem doentes e/ou terem de cuidar dos seus enfermos, mas, por conta também do receio de contrair a febre palustre.

Era uma coisa terrível essa doença. Nós quando ia pra casa dos vizinhos acontecia de num demorar uns dez minutim que a gente já começava a sentir as mesma coisas. Só bastava entrar no quarto que tava o doente. Parecia que pegava no ar aquela praga danada. Era d'um jeito que nós procurava até evitar aqueles que tavam doente. Era até falta de consideração, mas a gente num podia fazer nada não, porque quem ia arriscar de morrer só para agradar os outo, né?⁹

⁹ Francisco Otacílio Ferreira da Silva, entrevista gravada por Francisco Hucinário Diógenes Patrício no distrito de Mapuá, Jaguaribe, em 15/07/2005.

A lembrança que a Sr^a Ogarita de Sousa guarda da epidemia de malária é marcada pelas imagens dos atos beneméritos de seus pais diante das calamidades ocasionadas pela incidência da malária nos lares de Russas. O pai dela era um marchante que, tocado pelo sofrimento dos indivíduos impaludados, decidiu doar comida para as pessoas que estavam doentes e não tinham condições de preparar o próprio alimento. De acordo com D. Ogarita, todo dia, seu pai fazia doação de um prato de comida para os enfermos. Ela e suas primas ajudavam na distribuição da comida. Segundo Dona Ogarita, “isso pra nós era uma folia, fazer prato de comida pra ajudar o povo”.

Tinha casa, que num tinha uma pessoa que se levantasse pra dar água o outro, tudo prostrado. Foi muito horrível. Morreu muita gente naquela época. A gente era menina, eu sou de vinte e seis, de vinte e seis, eu tinha doze anos. (...) meu pai era marchante, aí o quê que ele fazia; ele num mandava um pedaço de carne, ele mandava assim uma lombada de carne, pra minha mãe ficar na cozinha, fazendo comida, pra dá o povo. O povo tudinho, que num tinha sustância de trabalhar, nem de fazer nada, né? Dava dez hora, isso pra nós, era eu e três prima minha que morava em casa, Cecília, Delaide e Maria, isso pra nós era uma folia, fazer prato de comida pra ajudar o povo. Ah! Vinha tudinho, que era casa de marchante, ficava aqui tudinho aquelas pessoas... Papai fazia fila pra receber o pratinho de comida, porque em casa nem eles tinha, porque num podia trabalhar. E nem tinham substância pra fazer, já vinha se arrastando. De trinta e oito a quarenta foi muito inverno, mas o povo num podia fazer nada.¹⁰

Movidos pelo receio de um levante das pessoas enfermas, como se ouvira notícias há cinco ou seis anos, durante a seca de 1932 (Cf: NEVES, op.cit), bem como pela compaixão, pelo respeito mútuo ou pelo próprio reconhecimento que a mazela também poderia atingi-los, o sofrimento do outro, nesse caso, era como um espelho do que poderia vir a acontecer com qualquer um. A lembrança da solidariedade marcou muito as falas dos entrevistados.

O tio da Sr^a. Maria de Lourdes Santiago¹¹ era proprietário de uma das três farmácias existentes no município de Russas durante a epidemia. Dona De Lourdes morava e trabalhava na mesma casa que servia de espaço para a farmácia de seu tio. Nossa narradora recorda a intensa movimentação existente naquela drogaria. Segundo ela, os funcionários tinham que trabalhar dia e noite e, mesmo assim, não conseguiam dar conta da grande demanda de pessoas que buscavam, naquele lugar, o alívio para o sofrimento em seus lares. Em tudo que me narrava, Dona Maria de Lourdes fazia questão de reafirmar que a epidemia palustre provocou novas dinâmicas no cotidiano de trabalho na farmácia. Por várias vezes, altas horas da noite, mesmo estando doente da malária, nossa narradora foi acordada por pessoas que,

¹⁰ Maria Ogarita de Sousa. 80 anos, entrevista gravada em 15/03/2006 em Russas.

¹¹ Maria de Lourdes Ramalho de Alarcon Santiago, 93 anos, entrevista gravada na cidade de Russas em 17/09/2006.

desesperadas, buscavam ajuda para socorrer os impaludados que, quase moribundos, haviam ficado em casa dentro de uma rede. Durante a entrevista, Dona De Lourdes fez questão de enfatizar que, além dela e do tio, outras duas pessoas foram contratadas para ajudar no atendimento àqueles que buscavam o socorro na farmácia. Segundo ela, “nem dinheiro o povo não tinha”. Movidos pelo dever solidário, “por causa da consciência”, se recusavam a fechar os olhos, negando, assim, os pedidos clementes de tantos que se encontravam desprovidos de assistência médica e renegados pelas autoridades políticas. Muitos compravam fiado com a promessa de que, quando estivessem restabelecidos da doença, voltariam para efetivar o pagamento dos remédios. Se a epidemia de malária por um lado provocou dores e sofrimentos, por outro, estendeu, ainda mais, a rede de solidariedade e de confiança entre a população de modo geral.

Ao contrário das famílias da Sr^a Ogarita Sousa e da D. Maria de Lourdes Ramalho, várias pessoas que residiam nas áreas atingidas, tentaram fugir dos efeitos da calamidade. Muitos habitantes nem esperaram a doença adentrar em suas residências, trataram logo de buscar um abrigo seguro para seus familiares. Inúmeros moradores dos municípios atingidos abandonaram todos os seus bens materiais: casas, objetos pessoais, animais e terras em busca de um espaço que ainda não tivesse sido “manchado pelas nuvens negras do mosquito insano”. Raimundo Girão, em palestra proferida no Rotary Clube de Fortaleza, alertava a “elite econômica”, em 1938, tanto para a miséria reinante nos lares das pessoas enfermas, como para a crise na economia reinante nos municípios atingidos. Para além dessas questões, o conferencista exortava também para o processo de emigração que estava ocorrendo em todas as localidades da zona jaguaribana.

A casa é o silencio, a choupana – a miséria crua, o ser humano – um resto de esperanças. A cera dourada permanece pó nos leques das carnaubeiras e a riqueza branca do algodão continua agarrada aos casulos. Nos pomares, os frutos apodrecem e os milharaes servem de repasto à passarada atrevida e chilreante. As escolas estão fechando, porque os alunos morreram ou fugiram as fábricas não se movem, as fazendas abandonadas, os operários enfermaram, os vaqueiros se prostaram moribundos ou largaram o gado, entregando o pastoreio ao destino vago, ao léo. (GIRÃO, 1938:4)

Para além da fraqueza orgânica que impedia os sertanejos de realizar a caminhada por longos percursos, precisamos cogitar também a possibilidade que, apesar das notórias e constantes notícias de mortes e dos flagelos reinantes em todo o Vale do Jaguaribe, essas pessoas ainda guardavam a esperança de que o surto epidêmico seria passageiro e logo poderiam regressar para seus locais de origem sãos e a salvo.

O convívio com a doença, portanto, despertou e aflorou, durante a epidemia de malária, inúmeros sentimentos nos moradores do Baixo Jaguaribe. A morte, a vida, a sobrevivência, o medo, a avareza, o egoísmo, a compaixão, o respeito mútuo, a solidariedade,

o desejo de fuga... várias lembranças, quais furacões de tormentos, invadiam o peito e tomavam de assalto às emoções das pessoas que sobreviveram à febre intermitente e se dispuseram a contar-me suas histórias de vida. Em vários momentos, durante as entrevistas, a voz parecia trair os narradores. Mente e coração, naqueles instantes, parecia deflagrar uma luta contra o silêncio. Por mais que tentassem, muitos não conseguiam conter a emoção. As lágrimas brotavam de seus olhos, como flores na primavera. Seus corpos e memórias estavam fragilizados pela linha do tempo. Mas, parecia necessário narrar suas experiências de vida, não podiam despedir-se, sem, antes, testemunhar suas histórias. “Onde restou o homem, sobreviveu semente, sonho a engravidar o tempo.” (COUTO, 2002: 7)

Bibliografia

COUTO, Mia. **Estóreas Abensonhadas**. 7ª edição. Caminho Outras Margens 16. 2002.

GIRÃO, Raimundo. **Efeitos da malária na vida sócio-econômica do Baixo Jaguaribe**. Editora Fortaleza, 1938. Biblioteca Menezes Pimentel – Seção de Obras Raras

MONTENEGRO, Antonio Torres. Et. Al. (org) **História: Cultura e Sentimento – Outras Histórias do Brasil**. Recife: Editora Universitária UFPE; Cuiabá. Ed. Da UFMT, 2008.

NEVES, Frederico de Castro. **A Multidão e a História: saques e outras ações de massas no Ceará**. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 2000.

PESAVENTO, Sandra J. e LANGUE, Frédérique. (org) **Sensibilidades na História: memórias singulares e identidades sociais**. Porto Alegre: Ed. Da UFRGS, 2007.

REVEL, Jacques e PETER, Jean Pierre. *O Corpo: o homem doente e sua História*. In: LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre. **História: novos objetos**. Rio de Janeiro. Francisco Alves, 1995.

REZENDE, Antonio Paulo. *Octavio Paz: história, solidão e labirintos ou a construção dos labirintos e as história nômades*. In: **Tempo Tróico**. Volume I, número 1. Recife: Fundação Gilberto Freyre, 2006. [93-110]

SILVA, Gláucia C. Arruda. **O tremor dos Sertões: experiências da epidemia de malária no Baixo Jaguaribe-CE (1937-1940)** Dissertação de mestrado em História Social. Universidade Federal do Ceará, 2007.

TRONCA, Ítalo A. *Foucault e a linguagem delirante da memória*. In: RAGO, Margareth; LACERDA, Luiz B.; VIEIRA NETO, Alfredo (Org) **Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias nietzschianas**. Rio de Janeiro: DP&A. 2002. [119-215].